

DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE E SEUS IMPACTOS NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA¹

E-mail:
duarte.priscilae@gmail.com
maria.livia@academico.ufpb.br

Priscila Elizabeth Ferreira Duarte Sanches², Maria
Lívia Pachêco de Oliveira³

RESUMO

A desinformação em saúde demonstra-se essencialmente danosa, dada sua propensão a interferir negativamente na saúde pública ao induzir a comportamentos de risco e comprometer a credibilidade da ciência e das instituições de saúde. Enquanto uma frente de combate à desinformação, os serviços de checagem de fatos, também conhecidos como *fact-checking*, têm se consolidado como aliados dos indivíduos para saber a veracidade da informação e formar opiniões com uma compreensão mais completa dos fatos, porém, especialmente no campo da saúde, essa checagem se configura complexa e necessitada de múltiplos recursos. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a estrutura de conteúdos desinformativos em saúde verificados por serviços de *fact-checking* e, especificamente neste recorte, identificar os temas recorrentes nas peças desinformativas. Os resultados parciais evidenciaram que determinados temas dentro da área da saúde são mais suscetíveis a serem distorcidos ou falsamente apresentados e, por este motivo, tornam-se alvos recorrentes da desinformação. Diante disto, é fundamental monitorar tendências e adotar contramedidas proativas e baseadas em evidências para combater a desinformação em saúde e fortalecer as práticas de divulgação científica neste contexto.

Palavras-chave: desinformação; desinformação em saúde; checagem de fatos; divulgação científica.

ABSTRACT

Health-related misinformation is particularly harmful, as it has the potential to negatively impact public health by encouraging risky behaviors and undermining trust in science and health institutions. As a frontline defense against misinformation, fact-checking services have become valuable allies for individuals, helping them interpret news and form opinions with a more comprehensive understanding of the facts. However, especially in the health field, fact-checking can be complex and requires diverse resources. This research aims to analyze the structure of health-related misinformation content verified by fact-checking services, and, in this specific scope, to identify recurring themes in misinformation pieces. Preliminary results have shown that certain topics within the health domain are more susceptible to distortion or misrepresentation and, for this reason, become frequent targets of misinformation. Consequently, it is crucial to monitor trends and adopt proactive, evidence-based countermeasures to combat health misinformation and strengthen scientific communication practices in this context.

Keywords: misinformation; health misinformation; fact checking; scientific dissemination.

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas;

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Alagoas. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: duarte.priscilae@gmail.com

³ Doutora em Ciência da Informação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas e professora do curso de Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: maria.livia@academico.ufpb.br

A disseminação de desinformação, que diz respeito a informação deliberadamente falsa criada com fins nocivos (Wardle e Derakhshan, 2017), não é um fenômeno novo, mas tem se tornado um desafio crescente e preocupante nos últimos anos dado o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), redes sociais e outras plataformas *online*.

No contexto da saúde, a informação em situações de emergências sanitárias como a vivenciada recentemente com a COVID-19, apresenta-se como um artifício primordial não só para a busca e compartilhamento de experiências entre cientistas para tratamento e erradicação de enfermidades, mas também para auxiliar a população a tomar conhecimento sobre as medidas adotadas pelos governos e sanar dúvidas sobre medidas de proteção, eficácia e segurança de vacinas, sintomas da doença, orientações sobre isolamento ou quarentena, e informações sobre tratamentos disponíveis, por exemplo (Salustiano et al., 2022).

Neste ponto, os serviços de checagem de fatos, conhecidos como *fact-checking*, têm desempenhado um papel crucial pois, dedicam-se a identificar, verificar e corrigir informações falsas ou enganosas que circulam na mídia e nas plataformas digitais. Quando os serviços de *fact-checking* se debruçam sobre a verificação de conteúdos desinformativos relacionados à saúde, eles promovem, além dos fatos cientificamente comprovados, a popularização da ciência, mais frequentemente denominada de divulgação científica, visto que, conforme realça Souza (2021, p.60), “a ciência (...) também colabora com a checagem de *fake news* fornecendo especialistas qualificados para participar das matérias”.

O presente trabalho, que integra uma pesquisa acadêmica em andamento, buscou inicialmente identificar em serviços de *fact-checking* signatários da *International Fact-Checking Network* (IFCN), por meio de levantamento retroativo ao período de janeiro de 2022 a janeiro de 2024, conteúdos desinformativos em saúde, com o objetivo de apontar os temas recorrentes nas peças desinformativas, verificar a distribuição temática destas peças e quantificá-las. As próximas etapas da pesquisa dizem respeito a análise dos formatos das verificações, recursos utilizados para comprovar a veracidade ou falsidade das informações e a averiguação e categorização das principais estratégias desinformativas utilizadas nos conteúdos relacionados à saúde.

2 O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO: MECANISMOS E PERSPECTIVAS

No âmbito dos estudos da Ciência da Informação (CI), a desinformação não é apenas admitida como um conjunto de informações falsas ou enganosas, mas como um fenômeno sistêmico que envolve estratégias e práticas coordenadas para disseminar informações incorretas ou enganosas. Como Belluzzo (2005, p.37) aponta, “a desinformação nessa era é talvez a razão da existência de muitos problemas sociais, uma vez que atinge o ser humano em sua maior propriedade: a racionalidade”.

Wardle e Derakhshan (2017) estabelecem três tipos de desordem da informação, que se refere à disseminação de informações falsas, enganosas ou manipuladas que podem causar confusão, prejuízo e desconfiança na sociedade. São elas: *Mis-information*, *Mal-information* e *Dis-information*, a chamada desinformação, definida pelos autores como “Informações falsas e criadas deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país” (Wardle; Derakhshan, 2017, p.20, tradução nossa).

Para Brisola e Bezerra (2018), a desinformação tem o propósito de distorcer ou apresentar apenas parte da verdade, utilizando-se de informação manipulada, tendenciosa, fragmentada, sem que seja necessariamente falsa, mas descontextualizada. Portanto, não se trata apenas de uma simples mentira, mas sim de um complexo mecanismo que engloba táticas que obscurecem a verdade e distorcem a compreensão da realidade, ou de parte dela, com o objetivo de se adequar a uma narrativa específica.

Em complemento, Brito, Pinto e Oliveira (2019) destacam a intencionalidade da desinformação no processo de disseminação de conteúdo. Para os autores, tais conteúdos representam crenças imediatistas desvinculadas da credibilidade gerada pela fonte de informação e são estruturados para, potencialmente, distorcer a realidade objetiva, seja por meio de textos ou imagens.

Os resultados produzidos pela ação da desinformação não são provenientes de equívocos despreziosos ou de falhas de comunicação, mas sim de um processo intencional planejado para enganar. Não existe aleatoriedade na desinformação, visto que independentemente do formato utilizado, seus conteúdos são cuidadosamente estruturados e projetados para parecerem autênticos e convincentes a seus receptores, o que amplia sua eficácia na disseminação de narrativas falsas ou distorcidas.

Fallis (2009) pontua, em contraponto, que a desinformação pode vir a ser transmitida, inocentemente, por alguém desinformado. O viés do autor põe em cheque a intencionalidade da ação desinformativa e chama atenção para a ideia de que mesmo que a informação tenha sido projetada propositalmente por um indivíduo para desinformar, a pessoa que a recebe e reproduz pode, não intencionalmente, contribuir para a disseminação da desinformação ao compartilhar conteúdo enganoso apenas pela falta de conhecimento sobre como checar informações, por confiança irrestrita em fontes não confiáveis ou simplesmente porque acreditou na veracidade daquela informação.

O fenômeno da Pós-verdade, expressão que se popularizou nos últimos anos e alude ao “o fato de crenças infundadas exercerem maior influência na formação da opinião pública do que evidências e argumentos racionais” (Schneider, 2019, p.74), ganhou destaque especialmente neste contexto ao se utilizar da manipulação de emoções para disseminar informações falsas, distorcidas ou enganosas de maneira ampla, seja por meio de redes sociais ou por outros canais de comunicação.

Neste viés, destaca-se o papel das redes sociais no processo de influência do indivíduo por estas crenças o que, segundo Santaella (2018), deve considerar não só o poder destas redes, mas o fato de que os algoritmos se baseiam nas escolhas que fazemos e que geralmente recebem nossa atenção, sendo os conteúdos entregues em nossas redes sociais produto de nossos desejos e crenças.

Esta confluência de fatores, que engloba ainda questões relacionadas à polarização política e ideológica e a crescente desconfiança em instituições tradicionais, imprime desafios às instituições, às políticas públicas, aos profissionais de informação e comunicação, assim como aos órgãos governamentais visto que não há alternativa imediata para lidar de forma efetiva com seus desdobramentos.

Ainda assim, emergem possibilidades reflexivas e práticas em torno do entendimento do problema proveniente do uso da informação para fins danosos e neste cenário, a competência em informação consolida-se como mecanismo de combate às estratégias de desinformação, visto que, conforme frisa Dudziak (2003,p.29), espera-se com o desenvolvimento desta que os indivíduos “avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos”.

Embora o tema venha ganhando bastante relevância nos últimos anos, graças ao fortalecimento das TICs, sua discussão precede e extrapola as tecnologias, estando ligada

ao desenvolvimento de habilidades que permitam a livre utilização da informação em seus diversos formatos e suportes para que os sujeitos ajam com autonomia no contexto da informação (Bezerra; Beloni, 2019, p.60) e tenham a capacidade de tomar decisões baseadas no conhecimento.

2.1 O PAPEL DOS SERVIÇOS DE CHECAGEM DE FATOS FRENTE AO FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO

Os serviços de checagem de fatos, também conhecidos como *fact-checking*, têm se configurado como potentes aliados na quebra do ciclo da desinformação, proporcionando aos indivíduos a oportunidade de acompanhar a checagem da informação que lhes é destinada, colaborar com esta checagem e assim praticar sua competência informacional, instaurando uma cultura de checagem coletiva, construída por meio da avaliação de fontes, análise de conteúdo, habilidades de pesquisa, ética e pensamento crítico.

De acordo com busca realizada em março de 2024 no site *Duke Reporters' Lab*, centro de pesquisa jornalística da Universidade de *Duke*, na Carolina do Norte, cujos principais projetos se concentram na verificação de fatos e em pesquisas sobre confiança na mídia, existem 428 serviços de checagem de fatos ativos em todo o mundo, dos quais 10 são brasileiros, sendo 3 auditados e certificados como confiáveis pela *International Fact-Checking Network (IFCN)*, uma rede global de checadores associados ao *Poynter Institute for Media Studies*, organização de notícias sem fins lucrativos.

Ao garantir o acesso a informações precisas e verificadas, os serviços de checagem de fatos estimulam a competência em informação dos indivíduos e contribuem para o desenvolvimento de debates públicos saudáveis e para a tomada de decisões conscientes pelos cidadãos.

2.2 DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE: CONCEITOS, IMPACTOS E ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

Conforme defendido por Ramos (2017, p.155) “o direito à informação e comunicação é inalienável do direito à saúde. A ausência de informação ou uma comunicação inadequada afeta diretamente esse direito, bem como a igualdade, o acesso e a qualidade em saúde”. Isto evidencia que tanto o acesso à saúde quanto ao conhecimento das questões em torno dela, como formas de prevenção e tratamento de enfermidades, precisam estar disponíveis e acessíveis à sociedade. Todavia, isto requer um lugar de respeito à ciência e ao Estado democrático de direito, pois em situações contrárias a esta, a desinformação em saúde torna-se aliada aos movimentos antidemocráticos e anticientíficos.

As estratégias de desinformação buscam oferecer às pessoas informações que se alinham com suas opiniões e ratifiquem suas crenças pré-existentes. Informações que oferecem respostas simples ou curas milagrosas para problemas complexos de saúde tendem a atrair um público, em sua maioria, despreparado para buscar por evidências científicas, seja por falta de tempo, de conhecimento em ciência ou vontade, e ansioso por respostas, orientações e soluções rápidas.

A crescente busca por informações sobre doenças, sintomas, prevenção, condições médicas, tratamentos e medicamentos na internet encontra respaldo na conveniência e acessibilidade proporcionada pela rede mundial de computadores. A rapidez com que os

conteúdos podem ser acessados e a linguagem simplificada utilizada nas mídias digitais contribuem para que as pessoas recorram a plataformas como o *Google* e às redes sociais para se manterem informadas em saúde. Soma-se a isto o fato de que grande parcela da população não possui fácil acesso a profissionais ou ao sistema de saúde, sendo levada a procurar soluções para suas mazelas online, quando se depara com um lugar propício para todos os tipos de informação.

Como pontua Vasconcellos-Silva (2023, p.1127) “temos que admitir que nas redes digitais da sociedade da desinformação, as convicções têm falado mais alto que os fatos”. A internet oferece uma vastidão de informações, desde fontes fidedignas e baseadas em evidências científicas, até conteúdos imprecisos e incorretos:

Diferentes organizações públicas e privadas ou indivíduos produzem informações sobre temas vinculados, de alguma forma, às questões relativas à saúde-doença. Muitas vezes, essas informações são insuficientes, insatisfatórias, desatualizadas, incorretas ou incompreensíveis. Assim, elas podem colocar em risco a saúde do cidadão e da sociedade (Pereira Neto et al., 2022, p.31).

Silva et al. (2023, p.746) reforçam que “a disseminação de desinformação é uma séria ameaça à saúde pública” pois mina a confiança nas autoridades de saúde e na ciência, levando a uma diminuição no assentimento a diretrizes médicas e políticas de saúde pública. Esta disseminação envolve diretamente os algoritmos de recomendação de conteúdo utilizados pelas plataformas digitais que tendem a priorizar conteúdos sensacionalistas, controversos ou emocionalmente carregados, ainda que sejam considerados imprecisos ou enganosos. No entanto, conforme defende Santaella (2018, p.11), “os algoritmos são baseados nas próprias escolhas que fazemos, desenham as predileções de que damos notícia nas redes”.

A autora apresenta ainda o conceito de bolha, definida como um “ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis” que reverbera no fechamento dos indivíduos em “câmaras de eco” centradas na oposição a novas ideias, assuntos e informações importantes (Santaella, 2018).

Deste modo, a desinformação em saúde pode ocasionar o agravamento de condições médicas existentes e até mesmo resultar em consequências graves tanto para a saúde individual quanto para a coletiva, como pudemos testemunhar durante a pandemia da COVID-19 através da desconfiança crescente sobre recomendações feitas por organizações e profissionais de saúde e o consumo de medicamentos sem eficácia comprovada para tratamento da doença, à exemplo da hidroxicloroquina e, posteriormente, quanto à confiabilidade da vacina.

Pereira Neto et al. (2022, p.32) apontam que “nas últimas décadas, tem aumentado o número de indivíduos que utilizam as TICs para conhecer mais sobre sua condição de saúde”. Uma pesquisa realizada pelo *Google* e obtida com exclusividade pelo Estadão revelou, com base em dados de buscas e consumo de conteúdos sobre saúde no próprio *Google* e na plataforma do *Youtube*, que o Brasil é o País em que as buscas relacionadas à saúde mais cresceram no mundo no ano de 2019. O índice de cidadãos brasileiros que priorizam o *Google* como primeira fonte de informação para solucionar ou para se informar sobre problemas de saúde já se aproxima da porcentagem de indivíduos que buscam imediatamente um médico. São 26% que têm o mecanismo de busca como primeira opção, contra 35% que recorrem a um médico (Estadão, 2019).

Há grande potencial capacitador na informação em saúde disponibilizada *online*, no entanto, faz-se necessário atentar para o fato de que nem todas estas informações podem ser consideradas confiáveis e dignas de credibilidade por parte dos indivíduos.

Ainda que tal comportamento seja justificado pela necessidade individual de autonomia, liberdade de acesso à informação, falta de condições financeiras para busca de tratamentos médicos com profissionais capacitados e facilidade de acesso, é imprescindível a compreensão de que nenhuma delas substitui o diagnóstico profissional, além do estabelecimento de filtros para estas informações:

Informação on-line sobre saúde pode ser um recurso importante para o incremento do autocuidado, da autogestão, do empoderamento e da adesão ao tratamento. Para tanto, é necessário que ela tenha qualidade, isto é, seja interativa, compreensível, atual, confiável e cientificamente comprovada (Pereira Neto et al., 2022, p.42).

Considerando que a disseminação de desinformação em saúde pode ser deliberada, seja por interesses pessoais, políticos ou comerciais, e que as estratégias utilizadas para tal são variadas e criativas, o trabalho de identificação, refutação e correção de informações falsas ou tendenciosas por parte dos serviços de checagem de fatos torna-se ainda mais complexo e necessitado de recursos que o façam capaz de tornar inquestionável as contestações oferecidas contra este tipo de informação.

3 O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM CENÁRIOS DESINFORMATIVOS

Tratando especificamente de desinformação em saúde, a divulgação científica, definida por Bueno (1985, p.1421) como “[...] a utilização de recursos, técnicas e processos para veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”, desenha-se como uma grande aliada para o preenchimento de lacunas das quais a desinformação se apropria.

No entanto, apesar de todos os esforços e recursos à disposição, a divulgação científica ainda encontra dificuldades e desafios no processo, que comprometem a eficácia da comunicação entre a comunidade científica e o público geral, como a complexidade dos conteúdos científicos, a interpretação e tradução das informações em uma linguagem acessível, os aspectos éticos e sociais, além do impacto das novas tecnologias na velocidade com que as informações são disseminadas. Por este motivo a tradução de informações científicas para o público em geral se configura como um processo desafiador e que vai além da mera simplificação linguística.

O advento da desinformação, que, por muitas vezes, coloca em xeque dados científicos, torna premente a reflexão acerca de seus impactos também sobre a divulgação científica. Ao se utilizar de estratégias sensacionalistas e apelar às emoções do público, a desinformação se espalha rapidamente, especialmente nas plataformas digitais e redes sociais, devido à sua natureza muitas vezes sensacionalista e emocionalmente carregada. Vosoughi, Roy e Aral (2018), pesquisadores do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), publicaram na renomada Revista *Science* um estudo sobre como ocorre a disseminação de notícias falsas e verdadeiras online:

Descobrimos que as notícias falsas representavam mais novidade do que as notícias verdadeiras, o que sugere que as pessoas eram mais propensas a partilhar informações novas. Enquanto as histórias falsas inspiravam medo, repulsa e surpresa nas respostas, as histórias verdadeiras inspiravam expectativa, tristeza, alegria e confiança. Ao contrário da sabedoria convencional, os robôs aceleraram a disseminação de notícias verdadeiras e falsas na mesma proporção, o que implica que as notícias falsas se espalham

mais do que a verdade porque os humanos, e não os robôs, são mais propensos a espalhá-las (Vosoughi; Roy; Aral, 2018, p.1146 tradução nossa).

Essas conclusões colocam os divulgadores científicos em uma posição reativa, onde o esforço para alcançar o mesmo público com informações corretas é consideravelmente maior. Uma abordagem proativa abarca o incentivo e promoção contínua de capacitação das pessoas para avaliar criticamente as informações que recebem, o que promove um melhor entendimento dos princípios científicos. Inclui também um relacionamento contínuo entre a comunidade científica e a sociedade por meio de uma colaboração multidisciplinar entre cientistas, comunicadores e educadores, e de conteúdos informativos e atraentes, capazes de competir de forma equânime com a desinformação nos ambientes digitais.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória-explicativa, e documental quanto ao método utilizado para coleta de dados, que foram analisados sob a ótica da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), metodologia para tratamento de dados que visa obter indicadores para a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destes dados.

A primeira etapa da coleta de dados da pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro e abril de 2024. Definiu-se critério para identificação e seleção de conteúdos a condição de que estes fossem oriundos de serviços de checagem de fatos signatários da *International Fact-Checking Network* (IFCN) e escritos em língua portuguesa ou espanhola. Após isso, ao acessar cada um dos sites que se encaixaram nos critérios inicialmente propostos, verificou-se se estes possuíam ferramentas de busca por assunto ou palavra-chave e de refinamento de busca por período.

Considerando o atendimento de todos os critérios, chegou-se à definição dos serviços de checagens brasileiros Lupa, Aos Fatos e AFP Checamos, e sul-americanos *Chequeado*, da Argentina, e *Fastcheck*, do Chile, como base de dados para esta pesquisa. Utilizou-se para localização de conteúdos o termo “saúde”, nas plataformas brasileiras, e “*salud*”, nas sul-americanas, em conjunto com refinamento para o período de análise delimitado. Em seguida, foi realizada a sistematização por temas com vistas a estabelecer uma percepção dos assuntos que mais são alvos de peças desinformativas em saúde.

A busca, utilizando os parâmetros supracitados, entregou 1.099 publicações ao todo, somando-se as pesquisas nos cinco serviços de checagem. Após leitura dos títulos e enunciados das publicações, com o objetivo de averiguar se de fato possuíam relação com o tema saúde, constatou-se que 580 das 1.099 publicações puderam ser categorizadas como checagens ou verificações relacionadas ao tema central da busca e, portanto, constituíram o objeto de análise da coleta de dados, que demonstrou similaridade com os conteúdos recorrentes encontrados nos serviços brasileiros e sul-americanos, cuja categorização pode ser observada no quadro 1.

Quadro 1 – Levantamento dos conteúdos relacionados à saúde nas agências de checagem de fatos

LUPA	AOS FATOS	AFP CHECAMOS	CHEQUEADO ARGENTINA	FASTCHECK CHILE
Temas recorrentes				
Medicamentos e tratamentos (25)	Aborto (5)	Aborto (2)	Vacina COVID-19 (12)	Aborto (3)
Vacina COVID-19 (83)	COVID-19 (10)	COVID-19 (15)	COVID-19 (5)	COVID-19 (11)
COVID-19 (22)	Diagnóstico (4)	Diagnóstico (6)	Diagnóstico (1)	Diagnóstico (2)
Vacinação Infantil (1)	Doação de órgãos (3)	Doação de órgãos (1)	Doenças (3)	Doação de órgãos (1)
Saúde Pública (5)	Doenças (4)	Doenças (18)	Fake News (1)	Doenças (15)
Vacinação (14)	Fake News (2)	Fake News (13)	Medicamentos e tratamentos (1)	Fake News (1)
Doação de órgãos (1)	Medicamentos e tratamentos (23)	Medicamentos e tratamentos (18)	Outros (6)	Medicamentos e tratamentos (5)
Transição de Gênero (5)	Saúde pública (7)	Outros (5)	Saúde Pública (2)	Outros (16)
Aborto e legalização da maconha (1)	Transição de Gênero (1)	Saúde Pública (6)	Vacinação (4)	Saúde Pública (9)
Vacina Dengue (1)	Vacina COVID-19 (27)	Transição de Gênero (1)	Vacinação Infantil (2)	Vacina COVID-19 (29)
Diagnóstico (1)	Vacina Dengue (3)	Vacina COVID-19 (64)		Vacinação (5)
Vacina Hepatite B (1)	Vacinação (12)	Vacina dengue (1)		Vacinação Infantil (1)
Vacina Gripe (2)	Vacinação Infantil (1)	Vacina Hepatite B (1)		
Doenças (8)		Vacinação (16)		
Fake News (2)		Vacinação Infantil (4)		
TOTAL: 172	TOTAL: 102	TOTAL: 171	TOTAL: 37	TOTAL: 98

Fonte: Elaborado pela autora.

5 ANÁLISE DOS DADOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

A análise dos dados levantados demonstrou que as verificações realizadas pelos serviços de checagem de fatos escolhidos possuem similaridades quanto aos temas centrais das peças desinformativas, o que indica que determinados temas dentro da área da saúde são mais suscetíveis a serem distorcidos ou falsamente apresentados e são frequentemente explorados devido ao seu impacto direto na saúde pública e pelo interesse significativo que geram.

A pesquisa realizada na Agência Lupa resultou em 409 publicações, das quais 172 tratavam especificamente de assuntos vinculados ao tema saúde, sendo recorrentes os seguintes conteúdos: Vacina COVID-19 (83), Medicamentos e tratamentos (25) e COVID-19 (22). Já a busca realizada na agência Aos Fatos entregou um total de 247 publicações, das quais 102 possuíam relação direta com o tema saúde e demonstraram reincidência dos conteúdos: Vacina COVID-19 (27), Medicamentos e tratamentos (23) e

Vacinação (12). Em se tratando da AFP Checamos, a busca pelo tema saúde no *site* da agência somou 195 conteúdos, dos quais 171 puderam ser considerados diretamente ligados ao tema. O refinamento da busca evidenciou que Vacina COVID-19 (64), Medicamentos e tratamentos (18), empatado com Doenças (18), e Vacinação (16) foram os conteúdos mais abordados nas peças analisadas.

A coleta de dados realizada nas agências sul-americanas demonstrou similaridade com os conteúdos recorrentes encontrados nos serviços brasileiros. Na *Chequeado*, da Argentina, foram localizados 40 conteúdos relacionados ao tema saúde dentro do período de análise, dos quais 37 possuíam relação direta com o tema e recorrência quanto aos conteúdos: Vacina COVID-19 (12), Outros (6) e COVID-19 (5). Já a agência chilena *Fastcheck* entregou 208 conteúdos relacionados à saúde dentro do período de busca, dos quais 98 possuíam relação direta com o tema. Vacina COVID-19 (29), Outros (16) e Doenças (15) apresentaram predominância nestes conteúdos.

A recorrência de checagens sobre temas como vacina COVID-19, medicamentos e tratamentos e doenças, considerando sobretudo o período delimitado para análise e sua escolha estratégica apontada ao longo do projeto, evidencia a exploração de emoções e receios dos indivíduos, por meio da disseminação de conteúdos desinformativos que, muitas vezes, se aproveitam de emoções como medo, ansiedade e desconfiança para ganhar credibilidade ou viralidade e são particularmente propensos aos mecanismos da desinformação.

A quantidade de conteúdos desinformativos em saúde evidenciadas na coleta de dados ressalta a insistência e rapidez na disseminação de desinformação e a postura reativa dos serviços de checagem de fatos frente à velocidade e alcance das plataformas de mídia social, que facilitam a circulação rápida de informações propositadamente falsas ou enganosas no campo da saúde, antes que agências de checagem de fatos possam responder eficazmente.

REFERÊNCIAS

ADAIR, B. **É verdade! É fraude!** *Revista de Jornalismo ESPM*, ano 7, n. 22, p. 48-49, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://arquivo.espm.br/revista/jornalismo/2018-jul-dez/48-49/#zoom=z>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2024

BEZERRA, A. C.; BELONI, A. **Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 208-228, maio/ago. 2019.

BELLUZZO, R. C. B. **Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores**. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267994837_Competencias_na_era_digital_desafios_tangiveis_para_bibliotecarios_e_educadores. Acesso em: 07 jun. 2024.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. **Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2018, Londrina. Anais [...]. Londrina: ENANCIB,

2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRITO, M. P. de; PINTO, V. B; OLIVEIRA, H. P. C. de. **A pós-verdade como ação de desinformar**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2019, Florianópolis. Anais [...]. São Paulo: ANCIB, 2019.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico: conceito e funções**. Ciência e Cultura, Campinas, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, 1985. Disponível em: <https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-científico-conceito-e-função.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

DUDZIAK, E. A. **Information literacy: princípios, filosofia e prática**. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov.2024..

ESTADÃO. **Brasil lidera aumento das pesquisas por temas de saúde no Google**. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/brasil-lidera-aumento-das-pesquisas-por-temas-de-saude-no-google/#:~:text=O%20levantamento%2C%20obtido%20com%20exclusividade,outras%20categorias%20dentro%20do%20Brasil>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FALLIS, D. **A conceptual analysis of disinformation. Paper presented at the i Conference**, 2009. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/15210>. Acesso em: 22 mar. 2024.

PEREIRA NETO, A.; FERREIRA, E.de.; DOMINGOS, R. L. A. M. T.; BARBOSA, L.; VILHARBA, B.L.A.; DORNELES, F.S.; REIS, V. S.dos.; SOUZA, Z. A. de.; GRAEF, S. V.B. **Avaliação da qualidade da informação de sites sobre Covid-19: uma alternativa de combate às fake News**. Rio de Janeiro, v. 46, n. 132, p. 30-46, jan.-mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/LbTryTXyZT9wLt4tkZxG89k/?format=html#>. Acesso em: 06 jun. 2024.

RAMOS, N. **Comunicação em saúde, interculturalidade e competências: desafios para melhor comunicar e intervir na diversidade cultural em saúde**. In: RANGEL-S, Maria Ligia; RAMOS, Natália (org.). Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas. Salvador: Edufba, 2017. p. 149-172. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7872>. Acesso em: 22 mai. 2024.

SALUSTIANO, S.; CARVALHO, P. R.; GOUVEIA, F. C.; RAMOS, M. G. **Desordem informacional e saúde: estudo bibliométrico de 50 anos na Scopus**. Brasília, 2022: Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/200662>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa? (Interrogações)** (Portuguese Edition) (Locais do Kindle 20-22). Estação das Letras e Cores. Edição do Kindle.

SCHNEIDER, M. **Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade**. In.: BEZERRA, A. C. et al. (org.). *Ikritika: Estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 73-116. Disponível em: https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%Adtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields=. Acesso em: 06 abr. 2024.

SILVA, G. M.; SOUSA, A. A. R. de; ALMEIDA, S. M. C.; SÁ, I. C. de; BARROS, F. R.; FILHO, J. E. S. Sousa; GRAÇA, J. M. B. da; MACIEL, N. de S.; ARAÚJO, A. S. de; NASCIMENTO, C. E. M. do. **Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 3, p. 739-748, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dVVfKrCWD7sPp8TNp8xcngN/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SOUZA, Barbara de Jesus. **Desinformação em saúde e checagem: uma análise do “Fato ou Fake”**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48623>. Acesso em: 3 nov. 2024.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R. **O consumismo da desinformação em saúde: os abjetos objetos do desejo**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 4, p. 1125-1130, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9qJdQ6MKZsVJXTWnpDs9bmd/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2024.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. **The spread of true and false news online**. *Science*, v. 359, p. 1146–1151, 2018. Disponível em: <https://www.science.org/doi/epdf/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 13 jun. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Published by the Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 13 mar. 2024